

**“UMA HISTÓRIA DE AMOR, DE AVENTURA E DE MAGIA”¹:
A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA
LITERATURA INFANTIL**

**A STORY OF LOVE, ADVENTURE AND MAGIC:
THE IMPORTANCE OF REFLECTION ON RACIAL PREJUDICE IN CHILDREN’S
LITERATURA**

Mariana Gomes Maciel

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás

marianagomaciell@gmail.com

Viviane Faria Lopes

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB)

professoravivianefaria@yahoo.com.br

Resumo: O presente estudo avalia o preconceito racial ainda vigente na sociedade brasileira, bem como sua interferência na construção identitária das crianças pretas, incitando a necessidade de reflexão crítica sobre os paradigmas sociais relacionados a propagação de preconceitos. O objetivo central está em acentuar a importância da literatura infantil, tendo em vista que a criança tem sua personalidade moldada desde cedo, a fim de que valores cresçam em detrimento de construtos discriminatórios. Com ênfase nas mensagens transmitidas por narrativas ficcionais, importa validar como educadores podem incitar à reflexão desse assunto. Tendo por referencial teórico pesquisadores da educação, da história, da linguagem e da sociologia, esta investigação analisa as obras **Lápis cor de pele** e **O cabelo de Cora**, e, por meio de seus personagens, ergue uma reflexão contra o racismo e, consequentemente, sobre a importância da representatividade afro.

Palavras-chave: Racismo. Literatura infantil. Representatividade. Educação.

Abstract: The present study evaluates the racial prejudice still in force in Brazilian society, as well as its interference in the identity construction of black children, inciting the need for critical reflection on social paradigms related to the propagation of prejudices. The central objective is to emphasize the importance of children's literature, considering that the child has his personality shaped from an early age, so that values grow to the detriment of discriminatory constructs. With emphasis on the messages transmitted by fictional narratives, it is important to validate how educators can incite the reflection of this subject. Based on theoretical reference researchers of education, history, language and sociology, this investigation analyzes the works **Lápis cor de pele** and **O cabelo de Cora**, and, through its characters, raises a reflection against racism and, consequently, on the importance of Afro representativeness.

Keywords: Racism. Children's literature. Representativeness. Education.

[...]

*O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas*

¹ Versos da canção *Era uma vez*, composta por Toquinho (1946), e pertencente ao álbum **Sonho Azul**, lançado pela dupla Sandy & Júnior no ano de 1997.

*Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, velas, cortiços
Você deve tá pensando
O que você tem a ver com isso?
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então
Veja você quem mata
[...]
(Negro drama – Racionais MC's²)*

Considerações iniciais

No Brasil, o racismo é um assunto de abordagem constante, tendo em vista as continuadas atrocidades com que a população preta³ é vitimada. Apesar da promulgação da Lei Áurea⁴, cujo intento consistia na abolição da escravidão, deve-se considerar que a subjugação, a discriminação e a desvalorização dos descendentes afros são evidentes, de modo a contornar a sociedade nacional com borões acarminados pela violência.

A realização deste trabalho intentou assomar-se às vozes que evocam pela efetivação da igualdade dos sujeitos pretos, que diária e insistentemente buscam por seus direitos, pela (con)firmação de sua identidade junto ao país do qual é filho e igualmente criador. Tendo as crianças como indivíduos basilares dessa reconstrução equânime e, ainda, como descendentes postumeiros dos que foram escravizados e forçados a estarem nas terras brasileiras, importa que sejam tomadas como foco primordial para uma nova consciência de firmação identitária.

Como aparato educacional – tanto no ambiente familiar quanto no escolar –, as obras literárias fazem-se instrumentos que possibilitam a conexão da criança com o mundo da imaginação, por meio das quais assuntos complexos e delicados podem ser tratados, vindo a atingir a compreensão dos pequenos e os induzir a uma reflexão, apesar da pouca idade. Desse modo, a literatura infantil que apresenta a

² *Negro Drama* é uma canção composta por Mano Brown (1970) e pertencente ao álbum **Nada como um Dia após o Outro Dia**, lançado pelo grupo Racionais MC's no ano de 2002.

³ A pesquisadora optou por fazer uso do termo 'preto' e não do 'negro', por conta da mudança linguística que tem sido promovida socialmente e necessária para a firmação identitária. Todavia, a nomenclatura 'preto' aparecerá quando for uma citação direta.

⁴ Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888, foi assinada por Isabel Cristina (Princesa Imperial) e Rodrigo Augusto da Silva (diplomata e líder do Partido Conservador).

Building the way

problemática social do preconceito étnico-racial contribui para que um tema tão grave e igualmente necessário vá ao encontro do discernimento da mentalidade pueril.

Para a contextualização e análise dos dados da pesquisa, este artigo se estrutura em três seções. Na primeira, com o título **“Era uma vez a riqueza contra a simplicidade”**, apresenta-se um breve histórico sobre a escravidão no território brasileiro e as consequências que essa ação infame propiciou aos descendentes dos povos africanos. A segunda seção, nomeada **“Só tem a ver quem já foi criança um dia”**, aponta a origem e os aspectos da literatura infantil nacional, explicando seu valor no processo de estímulo à leitura e de promoção da reflexão crítica, além de avaliar a importância da representativa nas narrativas. **“Tem que mergulhar na própria fantasia”**, que é a terceira seção, analisa o preconceito racial denunciado em duas obras brasileiras infantis, a saber, **Lápis cor de pele** e **O cabelo de Cora**, de modo a ressaltar o valor educacional e reflexivo da escrita e das ilustrações de livros voltados aos pequenos aprendizes.

Assim, buscou-se apurar a importância da exposição e reprovação do racismo mediante seu apontamento nocivo em narrativas ficcionais, repletas de cores e palavras de sonoridade compreensível ao universo infantil, vindo, portanto, a atingirem a compreensão do receptor pretendido. Referenciado por pesquisadores e estudiosos de diversas áreas, o apuramento coloca, nas Considerações Finais, o quanto é necessário que a identidade da população preta venha a se firmar, pautada em toda a representatividade que sua origem carrega. Para tanto, é necessário que tais ensinamentos comecem pelas crianças, a fim de que se firmem enquanto força que sustenta os próprios valores e combate a injustiça racial, em todas as suas faces.

“Era uma vez a riqueza contra a simplicidade”⁵

No presente século, a segregação racial é um tema que tem sido bastante discutido pela coletividade, tendo em vista a necessidade de se suprimir o persistente preconceito. Apesar de um assunto bastante abordado pelos diversos meios de comunicação – por meio dos quais a violência pautada na discriminação é mostrada

⁵ Versos da canção *Era uma vez*, composta por Toquinho (1946), e pertencente ao álbum **Sonho Azul**, lançado pela dupla Sandy & Júnior no ano de 1997.

Building the way

dia a dia, com reportagens onde a brutalidade é evidente e iníqua –, há os que não alcançam a compreensão da importância e da urgência da questão, enquanto aparato basilar para a construção de uma sociedade justa e verdadeiramente humana.

Trazidos à força para Brasil, após terem sido capturados e vendidos no Continente Africano, os africanos tornaram-se força de trabalho com vantagens financeiras para seus algozes (SILVA, 2013a). Durante três séculos, o Brasil utilizou mão de obra escravizada, sendo, em sua maioria⁶, de pessoas oriundas de povos africanos. Apesar de a Lei Áurea haver sido assinada em 1888, de modo a tornar ilegítima qualquer forma de opressão cativeira, testemunha-se que a população preta sofre os reflexos dessa subjugação histórica em seu cotidiano e, por isso, vê-se obrigada a transmitir a seus filhos instruções que buscam livrá-los da hostilidade estrutural pautada na cor de sua pele (FANON, 2008).

Conforme aponta Holanda (1995), compreende-se que o racismo seja um comportamento, uma ação resultante de uma aversão incitada por ensinamento, onde age o ódio em relação a pessoas que possuem uma origem aparentemente diversa, observável pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, pelos trajes, pela língua, pelas maneiras, entre outros aspectos externos. De acordo com Gomes (2005, p. 52), essa maneira de hostilidade resulta da vontade “de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira”, com um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores.

Segundo os registros de Conceição (2020), o Brasil formou-se com a exploração de determinados grupos, os quais, especialmente negros e indígenas, acabaram não tendo os direitos firmados da forma como deveriam e, como resultado, firmou-se um país extremamente racista e violento com esses mesmos grupos explorados. A esse respeito, Costa (2010) constata:

Na época da Independência, os escravos viram suas aspirações à liberdade frustradas. Se bem que a Carta Constitucional de 1824 incluísse um artigo transcrevendo a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (cópia quase idêntica à original francesa de 1789), na qual se afirmava que a liberdade era um direito inalienável do homem, manteve-se escravizada quase a metade da população brasileira. A Constituição ignorou os escravos. Sequer reconhecia sua

⁶ Importa registrar que os nativos (índios) também foram subjugados em regime de escravidão.
v. 12, n. 1

Building the way

existência. A eles não se aplicavam as garantias constitucionais. (COSTA, 2010, p. 16)

Os apontamentos da pesquisadora avaliam que a lei foi implantada; a ação, todavia, ocorreu com segregação e ignorou as pessoas pretas como ‘população brasileira’, promovendo sua invisibilidade social (COSTA, 2010). A discriminação, dessa feita, reforça-se mediante um estigma associado aos trabalhos rebaixados que tais sujeitos, na condição de ex-escravos, foram obrigados a realizar logo após sua ‘libertação’ ser instituída, o que, portanto, degradou tanto a eles como viria a depreciar seus descendentes, por meio de uma estigmatização visual (FERNANDES, 2008).

Se por um lado, dos homens escravizados esperava-se a força bruta, das mulheres esperava-se “mais a passividade da fêmea na cópula” (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 272), o que já determinava o olhar do mercador e do comprador diante do sexo da criança que estava sendo comercializada. Confere-se que, durante o período de colonização e império do Brasil, a criança era vista como um ‘miniadulto’, o que praticamente a invisibilizava enquanto sujeito com direitos específicos e resguardos pelo governo (LOPES, 2019). Diante disso, avalia-se o quanto era frágil a proteção a elas, de modo a se constatar que, mais ainda, seria ínfimo o acolhimento dos filhos dos outrora cativos, tendo em vista que a marca de sua descendência era física – podendo ser constatada pela cor da pele e/ou pelos traços faciais e capilar.

Durante o tráfico ultramarino, Parra (2016, p. 8) aponta que as crianças “representavam cerca de 5% dos africanos transportados pelos navios negreiros, diferenciando as crias de pé (um metro de altura) e as crias de peito (bebês de colo), por um Alvará em 1758, determinando impostos distintos” para compra e venda dos pequenos em relação aos adultos, bem como a especificação de uma forma que pudesse preservar suas vidas – enquanto mercadorias de valor. Para tanto, determinou-se que as crianças de até três anos de idade permaneceriam com a mãe, porém, logo após essa faixa etária, seriam levadas e imediatamente treinadas para o trabalho, sendo consideradas adultas aos doze anos (PARRA, 2016). Assim, diante da desumanização com a qual eram tratados os africanos e seus descendentes, fez-se comum que crianças fossem trocadas por alimentos, e tecidos joias, ou, ainda, roubadas para serem vendidas em mercados (FERNANDES, 2008).

Building the way

Ainda, importa considerar que a miscigenação se fez enquanto verdade social, com incontáveis crianças nascendo enquanto parte da escravidão colonial, “alicerçada sob a violência e a exploração do português”, em contexto de favorecimento aos dominadores e contra o africano (CARONE, 2002, p. 10). E elas, ainda que filhas de ‘brancos’, eram tratadas como bastardas, não sendo legitimadas e, por tal razão, possuindo como firmação sua descendência escravizada (BENTO, 2002). Dessa feita, faz-se necessário considerar que a formação do Brasil, no âmbito étnico, possui como traço a mistura “das três raças que compõem a nação, sendo muito maior a cifra da mestiçagem do branco com o negro” (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 107).

Os apontamentos investigativos de Prado Júnior (1994), além disso, denunciam que a realidade do processo de miscigenação não favorece qualquer romantização, já que se ajusta como “produto do problema sexual do colono branco, que domina os campos econômico, social e, em decorrência desses, o da relação sexual” (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 110). Dessa feita, “instalou-se uma correlação, sociopoliticamente convencionada, entre a cor da pele dos indivíduos e a posição social que aos mesmos caberia ocupar”, vindo a resultar, dessa correlação entre as escalas cromáticas e social, um ideal de branquitude e pureza racial (SANTOS, 2018, p. 47), e, ainda, desempenhando um importante papel na evolução étnica brasileira, “haja vista sua posição de orientador dos cruzamentos entre as raças”, e, portanto, promovendo a discriminação (PRADO JÚNIOR, 1994, p. 272).

Acerca desse assunto, Carone (2002, p. 10) sustenta que a busca pelo clareamento racial constitui “uma pressão cultural exercida pela hegemonia branca, sobretudo após a Abolição da Escravatura, como uma espécie de condição para se ‘integrar’ [...] na nova ordem social.”. Em consonância, Bento (2002, p. 25) avalia que era comum, no Brasil, recair sobre os pretos a busca pelo clareamento racial, em decorrência da insatisfação e/ou da marginalização que sua origem africana poderia lhe proporcionar.

Mediante suas investigações, Andrade (2019, p. 28) confirma que a imposição do embraquecimento existe até hoje, apesar de, graças ao crescimento da “propagação do orgulho racial afro”, que vem “apontando para problematizações e erguendo questionamentos necessários, além de fortalecer a autonomia dos

Building the way

descendentes pretos”, o desprestígio que antes os marcava tem sido substituído pela busca por um empoderamento que se baseia no orgulho das próprias raízes. A autora alega, ainda, a importância que há de os afrodescendentes não aceitarem “a imposição advinda da voz de comando” que, por sua vez, incitá-los-ia a apropriarem-se “de estereótipos que ferem sua identidade” (ANDRADE, 2019, p. 27); ao contrário, Andrade (2019, p. 29) aponta o quanto é valioso que personagens das diversas produções existentes na atualidade tragam os traços raciais representativos dos pretos, de modo tanto a representar “os sujeitos que nela se expõem, mas, também, a incontáveis outros”, que estão “vendo, ouvindo, avaliando-se e reconhecendo-se”.

A partir do breviário desses aspectos históricos, culturais e sociais, pondera-se a respeito da concepção da identidade das atuais crianças pretas brasileiras, que nascem e crescem tendo de sobreviver e enfrentar um racismo estrutural. Dessarte, em relação aos descendentes desses povos subjugados, volta-se o prisma da presente perquirição, de modo a avaliar como a educação literária virá a os representar diante da construção histórica intolerante que os cerca há séculos, o que será colocado na seção seguinte.

“Só tem a ver quem já foi criança um dia”⁷

A literatura tem diversos espaços, nos quais se pode notar que há uma exibição de contextos em relação aos personagens, que serão julgados como superiores ou inferiores em função a suas características físicas observáveis e/ou a suas atuações, de modo a protagonizarem ou antagonizarem as narrativas. A literatura infantil, por sua vez, constitui-se como elemento imprescindível para o desenvolvimento da criança, com as histórias nacionais sendo uma fonte enriquecedora de conhecimento, informação e oferecendo um método prazerosamente lúdico, para que as crianças passem a enveredar o mundo dos livros (BARROS, 2013). Apesar de que, como aponta Freiberge (2010), tenha se originado de uma intenção mais educativa e pouco recreativa:

⁷ Versos da canção *Era uma vez*, composta por Toquinho (1946), e pertencente ao álbum **Sonho Azul**, lançado pela dupla Sandy & Júnior no ano de 1997.

Building the way

A literatura infantil surgiu, a partir da necessidade de transmitir acontecimentos e ideais e através da contação de histórias buscou-se uma maneira de repassar a herança cultural, para gerações mais jovens. Inicialmente essas histórias eram apenas contadas, não sendo registradas por escrito. (FREIBERGE, 2010, p. 12)

A pesquisa de Freiberge (2010) acentua de que modo era avaliada a literatura para as crianças, com as narrativas sendo voltadas à imposição da moral e ao conhecimento cultural, sem, todavia, o estímulo imaginativo e criativo. Os estudos investigativos de BARROS (2013), por sua vez, ratificam que a leitura ficcional proporciona ao pequeno leitor o aprimoramento do seu caráter, contribui para sua aptidão no exercício da cidadania e na consciência da realidade social, abrindo-o para as possibilidades de transformar seu meio, todavia, são também formas de divertimento e recreação fantasiosa.

Tendo a educação formal como foco precípua, os primeiros livros infantis, escritos no século XVIII, estavam voltados a salientar que

[...] hábitos, costumes e padrões da sociedade deviam ser seguidos. Contudo, a escola e literatura preocupavam-se, a princípio, com as expectativas do adulto em relação à criança que seria futuro adulto e que, por isso, devia comportar-se à sua imagem e semelhança. Ainda não estava reconhecido nem o imaginário, nem o lúdico. (SIQUEIRA, 2008, p. 65)

Com base na afirmação acima, verifica-se que pais e crianças não tinham como avaliar o tamanho da importância da leitura, nem como aprimoramento de conhecimento, nem como estímulo imaginativo. Comprovadamente, o novo conceito a respeito de infância promoveu um novo olhar sobre o desenvolvimento dessa faixa etária, bem como uma união familiar para que houvesse a proteção devida a esses pequenos, como forma de melhor controlar e promover seu desenvolvimento intelectual e suas emoções, e, a partir de então, “Literatura Infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Compreende-se, para tanto, que a literatura infantil pauta-se como considerável contribuição para uma educação de qualidade, tanto para o alargamento das capacidades quanto para o aprimoramento das habilidades, de modo a fomentar

Building the way

o desenvolvimento infantil. Posto que, para “pensar a literatura infantil, é necessário pensar no seu leitor: a criança” (SILVA, 2009, p.136), deve-se avaliar as diferentes concepções em relação aos termos que as cercam, tais como: identidade, etnia, racismo, etnocentrismo, preconceito, discriminação e democracia. Utilizados continuamente para fazer referência aos pretos, tais locuções pautam o tratamento, o julgamento, a avaliação e a interpretação de suas palavras, atitudes, trajes, composição capilar, crenças, danças e, até mesmo, o simples fato de estarem em determinados lugares, como se não tivessem tais direitos. Continuamente alvos de olhares aquilatadores, são vítimas de concepções que os inferiorizam por um mero juízo físico, firmando-se vítimas de aversões, tanto de forma direta quanto indireta, ou seja, por meio de gestos e palavras ou, simplesmente, mediante o silêncio (FANON, 2008).

Diante do direcionamento estrutural da evidente e profunda desigualdade social em relação a esses grupos étnico-raciais, deve-se voltar o olhar urgentemente para a criança preta, que, portanto, é marcada e vitimada pelos aspectos e alicerces racistas, que constroem, ideologicamente, narrativas nocivas. Como hoje “já temos livros, tais como menina bonita do laço de fita, nos quais há a existência de personagens negros, sendo eles protagonistas ou não, mas cuja representação é positiva” (SILVA, 2013a, p. 11), é premente que a representativa aumente nos diversos meios comunicativos existentes, de modo a se normalizar.

Pensando no ambiente escolar, a literatura faz-se o meio de maior e melhor relevo, onde a relação entre as narrativas e o combate às diversas formas discriminatórias pode acontecer com serenidade, profundidade e usando a linguagem simbólica pertinente à idade do leitor (SOUZA, 1992). Nesse sentido, compreender escola e literatura como dois pontos adjuntos é indispensável para analisar quais livros poderão contribuir tanto para a compreensão das crianças no combate ao preconceito quanto para a promoção de personagens que representem a raça que ainda se encontra no desprestígio social.

A Lei nº 11.645/2008 salienta a respeito da obrigatoriedade quanto ao “estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” nas instituições públicas e privadas da educação básica (BRASIL, 2008), sendo vista como algo inovador para os sistemas de ensino no país. A esse respeito, Sousa (2016) avalia:

É preciso refletir, pois a obrigatoriedade do ensino da história afro e afro-brasileira é, para muitos, um ato desnecessário, uma vez que em livros de História do Brasil, a trajetória do negro no Brasil já é contada. Porém, o que muitos não pensam é que essa história é a oficial. História essa que representa a população negra de modo negativo. (SOUSA, 2016, p. 11)

Ainda de acordo com Sousa (2016), importa que narrativas infantis, delineadas com a linguagem condizente a seu público, incitem a reflexão crítica sobre a verdadeira situação dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos, bem como as consequências sofridas por seus descendentes até hoje. Assim, verifica-se que a “escola pode contribuir para reproduzir essa situação ou para transformá-la, introduzindo discursos emancipatórios, sendo um deles por meio de contos com personagens negros, com protagonistas negros” (SOUSA, 2016, p. 11). Avaliando a importância da leitura imaginativa, pesquisadores colocam que a “literatura produz espaços de representação para os seus personagens, sendo influenciados pelos diferentes contextos, valores, demandas e ideologias que se incorporam à estética literária”, pois, mediante os enredos e as ilustrações que representam as histórias, é possível serem repassados conceitos sobre os valores sociais (SILVA; SILVA; SILVA, 2020, p. 178).

No Brasil, foi somente a partir dos anos de 1920 do século passado, com o escritor Monteiro Lobato, que se passou a ter o que pode ser chamado de uma literatura infantil brasileira, pois as histórias por ele criadas misturam inovação e fantasia, representando as características do país em aventuras vividas por seus personagens, moradores do Sítio do Pica-Pau-Amarelo (SILVA, SILVA, SILVA, 2020). Importa, ainda, ressaltar que, em período anterior, os títulos infantis publicados no Brasil eram de traduções europeias, onde não fazia a representação do povo brasileiro (SILVA, SILVA, SILVA, 2020), o que salienta o valor de narrativas que contextualizam o país. Todavia, os contos referidos traziam os pretos em uma concepção claramente inferiorizada, e, apesar de Lobato ser o pioneiro a os trazer em suas tramas infantis, colocava-os com desprestígio, tendo em vista que “as obras lobatianas tendem a refletir posturas de inferiorização dos seus personagens negros (tia Nastácia, Barnabé, Saci Pererê), endossando estereótipos comumente atribuídos a esta

Building the way

população em posições de servilismo e subalternização” (SILVA; SILVA; SILVA, 2020, p. 179).

Na década de 80, histórias infantis com protagonistas pretos começaram a surgir⁸, vindo a quebrar padrões de estereótipos ao tempo em que tentavam ressaltar a beleza afro. Tratando de temas como racismo, etnia, gênero e miscigenação, em alguns momentos com comicidade, apontam a hierarquização de raça na sociedade e mostram como há uma inversão da pirâmide social na história, reconhecendo e exaltando a cultura afro-brasileira. Além disso, direcionam à alteridade – capacidade de enxergar e se colocar no lugar do outro –, o que propicia reflexões acerca das culturas inferiorizadas que, muitas vezes, são alvo de estigmas e, conseqüentemente, de acobertamentos, como forma de se buscar atenuar o preconceito, a fim de que os nomeados ‘brancos’ consigam ascensão social. De acordo com Luz (2018), “analisar a relação entre literatura infantil e negritude é refletir sobre um contexto de ausências. Inicialmente porque a própria história da literatura infanto-juvenil ainda está em construção e, ao tratar a literatura afro-brasileira, a questão é complexa”, pois há inúmeras incorreções sobre historicidade dos africanos escravizados no Brasil (LUZ, 2018, p. 26).

Deve-se salientar a carência de ícones fantasiosos que simbolizem virtudes nas obras infantis, pois, por meio deles, crianças pretas sentir-se-iam retratadas fisicamente e, desse modo, gozariam do empoderamento sociocultural que a representatividade identitária propicia (ANDRADE, 2019), afinal, “o desejo de querer fazer parte de uma cultura, ou de ser semelhante a indivíduos que têm os pertencimentos étnicos diferentes dos nossos, pode acarretar na construção da baixa autoestima das crianças negras” (SILVA; SILVA; SILVA, 2020, p. 181). Diante do exposto, necessita-se ponderar que a literatura infantil brasileira, em seu princípio, não trazia as diversidades que delineiam a população nacional, mas, na atualidade, tem buscado essa correção e deve, enquanto espelho cultural, mostrar a verdade social. Ainda, convém acentuar que a representatividade de personagens pretos, como protagonistas, auxilia para que valores que combatam o racismo estrutural

⁸ **Nó na garganta** (1986), de Mirna Pinsky; **O menino marrom** (1986), de Ziraldo; **Menina bonita do laço de fita** (1986), de Ana Maria Machado.

Building the way

sejam exterminados por meio da educação escolar, auxiliando os docentes em seu ensino.

“Tem que mergulhar na própria fantasia”⁹

A literatura infantil, segundo Cecília Meireles¹⁰, deve abarcar livros que despertam a atenção e a curiosidades da criança (SILVA, 2013b). Até mesmo as histórias que não sejam, a princípio, direcionados ao público pueril, podem ser abordadas para ele, se retrabalhadas em um vocabulário que contemple sua capacidade interpretativa subjetiva (SILVA, 2013b).

Diante disso, faz-se possível – e necessário – que determinados assuntos polêmicos, constrangedores e, ainda, discriminatórios adentrem-se à percepção crítica dos pequenos aprendizes (LUZ, 2018). A esse respeito, Freiberge (2010) salienta que, de alguns anos para cá, “cada vez mais se torna importante o desenvolvimento de propostas pedagógicas que valorizem a iniciativa e a participação dos educandos, que mostram-se cada vez mais construtivos, criativos e cooperativos no desenvolvimento das atividades” (FREIBERGE, 2010, p. 26), o que ratifica o espaço sociocultural existente na mente infantil para que conceitos e preceitos sejam (re)construídos.

Com a finalidade de verificar a importância da representatividade racial afro-brasileira nas produções literárias infantis, esta pesquisa denota duas obras para objeto analítico, a saber: **Lápis cor de pele** (BRITO, 2017) e **O cabelo de Cora** (CÂMARA, 2013). Com assuntos que buscam denunciar situações preconceituosas e vivenciadas no cotidiano das crianças pretas, as ficções em questão apontam as situações tanto pela composição vocabular quanto pelas ilustrações e, nesta investigação, diante da importância do texto vernacular e da composição imagética, optou-se pela avaliação da narrativa como um todo, o que tomou uma avaliação de todos os aspectos.

A obra infantil **Lápis cor de pele** foi publicada em 2017, tendo grande sucesso na Bienal do Rio de 2019. A trama foi escrita pela goiana Daniela Rezende

⁹ Verso da canção *Era uma vez*, composta por Toquinho (1946), e pertencente ao álbum **Sonho Azul**, lançado pela dupla Sandy & Júnior no ano de 1997.

¹⁰ Afamada escritora brasileira, além de jornalista, pintora e professora (1901-1964).

Building the way

Seixo de Brito Mendes Fernandes, que é formada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), artista, dona de um ateliê e escritora (DANI DE BRITO). As ilustrações foram feitas pela também goiana Polly Duarte, que é formada em Design Gráfico pela UFG e trabalha como professora e ilustradora (POLLY DUARTE). A respeito da narrativa em questão, entende-se:

155

Buscando abolir preconceitos e acolher diferenças, a literatura infantil contribui para criar uma nova consciência fraterna entre as crianças. Em seu livro **Lápis cor de pele**, Daniela de Brito enfoca esse tema, que não se restringe apenas à questão racial. A cena se passa na escola, quando uma menina pede emprestado um lápis 'cor de pele', e o colega lhe dá uma cor de rosa. Intrigada, Ana compara essa cor com a de seu braço e também percebe a cor diferente de seu irmão e, em casa, os pais explicam de onde vem essa diversidade de cores, lição que ela repete na escola. (DANI DE BRITO)

Por sua vez, a produção literária **O cabelo de Cora**, publicado em 2013, foi escrito pela carioca Ana Zarco Câmara, que é professora doutora em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (PENELOPE MARTINS, 2014). A história foi ilustrada por Taline Schubach, uma carioca que é formada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (TALINE SCHUBACH, 2020). No que lhe concerne, o conto poético traz a seguinte trama:

Cora é uma menina adorável e comum: adorava ir à escola e era bastante orgulhosa do seu cabelo crespo como o de sua Tia Vilma e o de sua avó. No entanto, por seu cabelo não ser liso como o das outras meninas, não era popular na escola. No livro **O cabelo de Cora**, a autora Ana Zarco Câmara fala sobre o universo da aparência, onde uma opinião inocente pode ser transformar em um grande trauma na escola. O penteado fora do padrão de Cora necessitará de um empurrãozinho para que ela aprenda novamente a amá-lo e a dizer para todo mundo o quanto ele é bonito do jeito que é! (O CABELO DE CORA, 2016)

Em ambas as ficções apresentadas, a questão racial é apontada e analisada por crianças: na primeira, a cor da pele, na segunda, a composição capilar. Outra marca a ser considerada nas obras é o fato de as situações preconceituosas ocorrem em ambiente escolar, o que, assim, permite uma avaliação por parte do próprio docente, quanto à (re)avaliação das práticas educacionais. Segundo Gomes

Building the way

(2005), as narrativas fazem referência a uma forma de ser no mundo com os outros, ainda que apresentem lugares e ações fantasiosos, o que, portanto, promove considerações a respeito de aspectos situacionais, incitando interpretações e reflexões críticas.

Diante disso, tome-se a primeira ilustração, presente na obra de Brito (2017):

156

**Figura 1 – Imagem do livro
Lápis cor de pele:**



Fonte: BRITO, 2017, p. 13

**Figura 2 – Imagem do livro
Lápis cor de pele:**



Fonte: BRITO, 2017, p. 23

Em **Lápis cor de pele** ocorre a percepção da protagonista Ana a respeito das diversas cores de pele e, assim, a discrepância quanto ao uso de uma única tonalidade de lápis que a represente. Erguer para avaliação, juntamente com as crianças, que um único lápis, representante de um matiz exclusivo – no caso da história, o rosa – venha a ser nomeado como o modelo dérmico de um país como o Brasil, é necessário e urgente, pois denota a existência, já inquestionável, do racismo implicitamente praticado (SANTOS, 2018). O racismo institucional gera resultados diferentes e atinge diversos segmentos sociais, já que as pessoas que o praticam, muitas vezes, não o fazem conscientes de suas ações discriminatórias, vindo a propagar silenciosamente práticas e saberes que atravessam informalmente as

Building the way

instituições, estereotipando sujeitos em decorrência de sua origem ou de seus traços físicos (CONCEIÇÃO, 2020).

As imagens colocadas acima, subtraídas do livro (BRITO, 2017), são um retrato da realidade escolar: a diversidade étnica-cultural, vivenciada nas salas de aula. O ainda uso da nomeação lápis ‘cor de pele’ deveria, inclusive, confundir os discentes, tendo em vista que uma epiderme de matiz rosa não faz parte da realidade nacional, o que poderia, até mesmo, promover o não entendimento da caracterização se o preconceito não estivesse incutido socialmente. Há séculos os africanos e seus descendentes, residentes e/ou pertencentes a outros continentes – herdaram a situação humilhante a que seus antepassados foram expostos pelas outras nações, quando, nas “grandes plantações e nas roças, nas cidades e nos campos, os escravos constituíam a principal força de trabalho” (COSTA, 2010, p. 23). Sendo visados como trabalhadores braçais e excluídos da participação em outros papéis sociais, trazem, até o presente, uma subjugação que lhes foi e ainda é imposta (FANON, 2008).

Na narrativa, a autora coloca sua protagonista para estranhar a expressão, como modo de remeter aos leitores uma denúncia discriminatória. Ana fica confusa, já que tanto sua mãe quanto seu irmão gêmeo – aluno da mesma sala de aula que a sua – possuem a pele preta e, por esse motivo, não se enquadram na tonalidade do tal lápis colorido. A desconfiança da criança para com a denominação afirmada aponta para a abertura que tem acontecido na atualidade, conforme elucida Gomes (2005), quando questionamentos são erguidos como modo de não aceitação de imposições que promovem a segregação de modo geral. A obra ressalta, inclusive, o importante papel dos adultos – no caso, os pais e a professora –, que esclarecem, elucidam e orientam quanto às ações que possam alterar os comportamentos nocivos instituídos, retirando da ‘normalidade’ o que, na verdade, é nocivo e criminoso (SIQUEIRA, 2008).

As pesquisas de Parra (2016, p. 3) elucidam que, na época da escravidão legalizada no Brasil, “se referiam aos negros como animais ou bestas, a mulher escrava passava de ‘grávida’ a ‘prenhe’, e seus filhos eram, então, chamados de ‘crias’” (PARRA, 2016, p. 3), o que, então, somente aclara a respeito da caracterização desumanizada dos pretos e denuncia as diversas qualificações até hoje utilizadas. Tal explanação somente aumenta a importância de uma reeducação social, na qual a devida compreensão acerca da história e da cultura afros se façam e criem práticas

Building the way

que levem à extinção do racismo (FREIBERGER, 2010). De acordo com Gomes (2005), a educação das relações étnico-raciais na renomeação de alguns termos e conceitos presentes devem constar no debate sobre relações raciais no Brasil, pois a identidade negra deve ser entendida como uma construção social histórica, cultural e plural, implicando na reconstrução do olhar de todos os grupos étnicos.

Dessa feita, verifica-se, na narrativa de Brito (2017), a evidente empresa em incutir na mente de seus pequenos leitores uma reflexão, um olhar crítico que venha a combater a discriminação que as torna vítimas ou, ainda, algozes. Percebe-se que a obra literária em apreço é basilada numa intencionalidade educativa, onde pais e professora – os personagens adultos – são partícipes diretos de uma reconstrução de pensamento e ação, auxiliando uma criança que, primeiramente, questionou uma prática racista, o que aponta o intuito de fazer com que se repense sobre as diferenças que constituem o corpo social, a fim de que o respeito mútuo faça-se independentemente de qualquer característica e, também, por conta dela (CONCEIÇÃO, 2020).

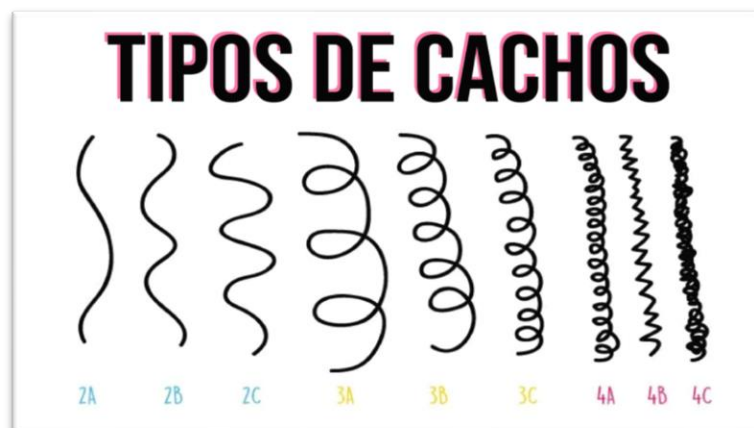
Trazendo para análise a segunda narrativa citada, **O cabelo de Cora** (CÂMARA, 2013), importa velar que, de acordo com Gomes (2005, p. 51), a “diversidade cultural está presente em todas as sociedades e a questão racial brasileira localiza-se dentro do amplo e complexo campo da diversidade cultural”, já que o livro em referência trata dessa pluralidade, porém, diferentemente do de Brito (2017), volta-se à variedade de cabelos. Nesse, Cora, protagonista da narrativa, é uma menina preta com o cabelo crespo e volumoso, diferentemente do das demais colegas de sua sala de aula.

A fim de uma compreensão mais acurada sobre a situação colocada pela trama, apresenta-se, abaixo, uma especificação capilar apresentada por Ster Nascimento (NASCIMENTO, 2017), em seu *blog*¹¹, em que há a especificação da divisão constituída para os modelos. Essa catalogação foi, primeiramente, proposta por Lorraine Massey¹², em sua afamada obra **Curly Girl: The Handbook** (MASSEY, 2001).

¹¹ Sítio eletrônico que permite publicações diversas, como artigos, vídeos e fotos.

¹² Cabeleireira norte-americana.

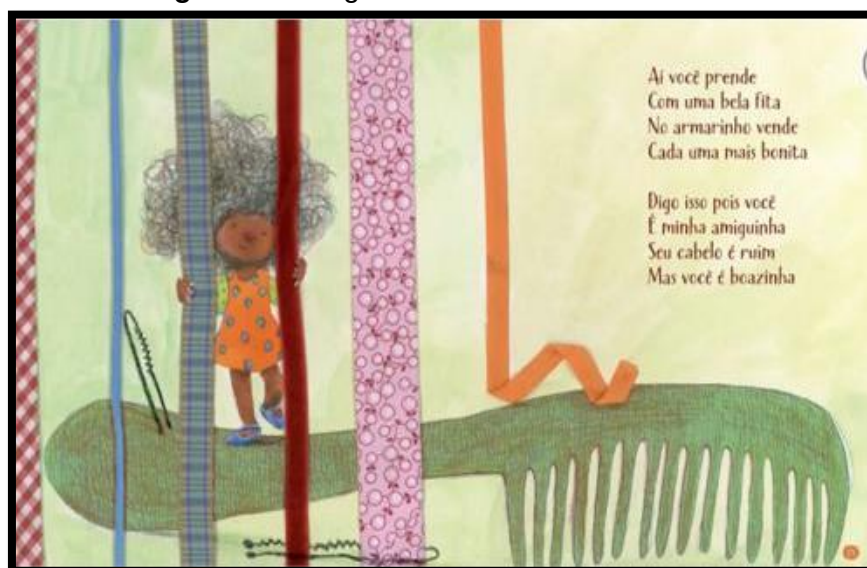
Figura 3 – Cachômetro



Fonte: NASCIMENTO, 2017

A trama de Câmara (2013) apresenta Cora, com seu volumoso cabelo crespo – que, segundo as ilustrações da obra literária, encaixam-se no modelo 4C (NASCIMENTO, 2017). A menina é interpelada por uma colega de sala, que a constrange a se enquadrar ao padrão socialmente vigente, ou seja, o do cabelo liso (não aparece na **Figura 3**, mas constitui o *Tipo 1* e suas subdivisões).

A fim de estampar a análise a ser feita, coloca-se, a seguir, uma das ilustrações do livro de Câmara (2013):

Figura 4 – Imagem do livro *O cabelo de Cora*

Fonte: CÂMARA, 2013, p. 15

Building the way

Evidenciando a presença estrutural do racismo, a situação como a supracitada ainda se faz presente no ambiente escolar, conforme divulgações de mídia tem apresentado¹³, o que assoalha que as crianças de descendência afro são alvo da nocividade promovida por outras crianças, que seja esse preconceito consciente, quer não. Sendo o Brasil ainda marcado por aspectos estruturais discriminatórios, termina por difundir uma ideologia que perpetua um discurso de embranquecimento como necessário, o que contribui para uma maior disseminação do racismo (ANDRADE, 2019).

A imagem exposta na **Figura 4** representa simbolicamente a sensação de Cora diante da sugestão da coleguinha da escola de que usasse fitas no cabelo, cuja finalidade era a de esmaecer sua identidade capilar, cerceando-o com adereços regulatórios. A ilustração do livro retrata como as crianças de cabelos crespos se sentem presas diante de tantas opiniões que lhes são impostas a respeito de como devem usar o cabelo, de como devem se apresentar socialmente para serem aceitas, de modo a reproduzirem o padrão determinado (BENTO, 2002). A obra aponta para o fato de que, apesar dos avanços socioculturais presenciados, as pessoas pretas precisam se firmar identitariamente diante da ainda imposição de clareamento que as cercam, pois o racismo perpetua-se no inconsciente coletivo (CARONE, 2002). Para Andrade (2019), a partir do momento em que se considera que “o cabelo crespo seja, necessariamente, ‘duro’ – ou seja, ressecado –, o indivíduo expõe a crença herdada de que a formação capilar que se distancia do liso não é, portanto, adequada e própria ao esteticamente aceito” (ANDRADE, 2019, p. 20).

Em sua investigação a respeito da tentativa de embranquecimento dos afrodescendentes por meio de uma imposição estética capilar, Andrade (2019, p. 4) salienta:

Entre brancos e pretos, por exemplo, as desproporções apresentam-se, até os dias atuais, com força expressiva, tendo em vista que brancos ainda trazem privilégios incontáveis por conta da tonalidade epidérmica, de herança europeia, elevando-os em conceito moral em comparação às pessoas de descendência afro, cujos traços representativos mostram-se na pele, no cabelo, nos desenhos faciais, na formação corporal e, até mesmo, na voz. (ANDRADE, 2019, p. 4)

¹³ A exemplo, ver a reportagem: GAROTA TEM..., 2021.
v. 12, n. 1

Conforme aclara a pesquisadora, a desigualdade econômica e social entre pretos e brancos encontra-se presente nas mais diversas situações e ambientes, não obstante toda evolução conquistada (ANDRADE, 2019). Por isso, um livro ficcional infantil, voltado às crianças e comumente lido e discutido no ambiente escolar, deve ser analisado enquanto aparato multimodal que influencia os leitores com suas representações de linguagens múltiplas, de semioses que, apesar de fantasiosas, estão carregadas de ilustrações que apresentam a “verdade do mundo real” e que, por esse motivo, trazem a importância de que se avalie “como as imagens constroem a realidade; como elas recortam o mundo e como intencionalmente podem omitir detalhes” (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 45).

Após ser orientada por sua tia, que trouxe o exemplo da avó da menina como representante de uma identidade afro a ser continuada, defendida e colocada como estandarte de orgulho, Cora não acata a sugestão da colega de colocar as fitas no cabelo, ou seja, de os ‘acalmar’, de os fazer ‘comportados’, e os mantém soltos e volumosos, como precipuamente fazia. As imagens, por sua vez, são relevantes “referências diretas ou indiretas da realidade física e social, sendo necessária uma escolha seletiva, tendo em vista que as sociedades usam imagens como um modo de legitimar argumentos e fatos relatados e descritos” (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 45). As ilustrações do livro, unidas à escrita, reforçam a valoração da personalidade racial da criança, de sua firmeza e honradez às próprias raízes, que serão, como o foi na narrativa de Brito (2017), orientadas e explicadas por adultos – o que, igualmente, reforça a importância dos educadores no processo de combate à discriminação.

Assim, diante do exposto, compreende-se que o processo de construção de identidade perpassa distintos caminhos e se constrói na vida social, com insistência, persistência e não aceitação de modelos deturpadores da compleição original. Cora representa o grupo racial que é constantemente diminuído e menosprezado por suas compleições – estéticas ou culturais – e que, segundo Fernandes (2008) aponta, precisa de, ou enfrentar, para manter sua origem, ou se acobertar, moldando-se aos critérios que o afaste mais de sua progênie e o acomode aos arquétipos adventícios. Nesse aspecto, as situações de acobertamento, discriminação, indiferença, entre outros, contribuem fortemente para o processo de

Building the way

autonegação, de modo a gerar graves consequências no processo de formação e desenvolvimento da personalidade infantil. Portanto, as obras literárias, ao mergulharem na fantasia infantil, evocam, também, a atuação direta de educadores – professores e familiares – enquanto adultos que orientam para a formação de um cidadão que não aceita o preconceito: dentro ou fora da ficção.

Considerações finais: “Pra gente ser feliz”¹⁴

As crianças pretas, no Brasil, já nascem subjugadas pelo olhar recriminatório de quem as julga tão somente por sua compleição física, pois, conforme colocado nesta pesquisa e respaldado por inúmeros pesquisadores: o racismo é, sim, estrutural. Além de serem vítimas de aversões injustificadas, tanto de forma direta quanto indireta, advindas de ações conscientes ou inconscientes, os pequenos cidadãos com ascendência afro precisarão de apoio, orientação e sustentação, que virão de meios externos e aparentemente mais fortes, mais firmes. Dentre tais recursos, professores e familiares fazem-se o valimento humano mais próximo e mais acalentador, afinal, além de avaliados como fortes na visão desses pequenos seres, são os que, ainda, auxiliam com afeto e conforto. E, enquanto artifício educativo, os adultos apontados podem usar a literatura, de modo a reforçar na mente infantil os valores que não podem ser esquecidos, a moral que deve ser defendida e a lei que precisa ser usada (BRASIL, 2008).

A percepção precípua para o combate à discriminação é trazer à lucidez a sua existência e, para tanto, importa assimilar que o Brasil é marcado por aspectos e estruturas racistas, além de, até o presente, construir ideologicamente discursos que, enquanto evocam a existência de uma harmonia racial, maltratam e assassinam pessoas unicamente pela cor da pele – e essa hipocrisia apregoada somente contribui para uma maior disseminação do preconceito. Dessa feita, usar as diversas formas comunicativas existentes é, comprovadamente, uma tática eficaz de atingir aos cidadãos em suas múltiplas formas de interação comunicativa, o que faz das obras infantis um instrumento de informação, de formação e de apoio para os profissionais

¹⁴ Verso da canção *Era uma vez*, composta por Toquinho (1946), e pertencente ao álbum **Sonho Azul**, lançado pela dupla Sandy & Júnior no ano de 1997.

Building the way

da educação, ao mesmo tempo em que atingem a compreensão da criança graças à sua linguagem verbal e não verbal condizente à idade (SOUZA, 1992).

A literatura infantil é um material pedagógico que pode ser utilizado nas práticas educativas, a fim de promover aprendizagens sobre as relações étnico-raciais e concorrer para a supressão do racismo, além de contribuir para a reflexão de tantos outros assuntos necessários. Por meio de seu vocabulário fácil – que é voltado ao entendimento linguístico condizente à faixa etária – e de suas ilustrações coloridas, sempre voltadas à incitação da imaginação, as narrativas podem promover reflexões acerca de temas como preconceito, diversidade cultural, identidade e história.

Isso posto, avalia-se que os avanços tecnológicos e culturais alcançados não foram capazes de extirpar a doença do preconceito da sociedade, o que conclama a família e a escola a se esforçarem nessa conquista, afinal, o que está em jogo é a saúde mental das crianças. E apesar de ainda se constatar que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, deve-se “brigar bravamente por respeito”¹⁵, deve-se ensinar aos pequenos que a luta por direitos é a luta por si mesmo, por sua identidade, por sua origem e por seu lugar, porque passar a ser cidadão não foi uma concessão, foi uma conquista. Desse modo, importa entender que ser criança preta de cabelo crespo é, também, ser a si mesma: em cores, contornos e fios. E, sendo-se e sentindo-se, sim, é possível buscar pelo contar de uma nova história, onde é possível ser o protagonista e viver sua própria narrativa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. de C. S. de. *“Meu cabelo crespo não ponho na chapa”*: análise discursiva da identidade afro representada esteticamente. Trabalho de conclusão de Curso inédito, 31 pp. Formosa: Universidade Estadual de Goiás, 2019.

BARROS, P. R. P. R. *A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura*. São Paulo: Faculdade de Pedagogia, Centro Universitário Católico Selesiano, 2013.

¹⁵ Versos da canção *A carne*, composta por Seu Jorge, Ulisses Capelleti e Marcelo Yuka, e pertencente ao álbum *Do Côccix até o Pescoço*, lançado por Elza Soares no ano de 2002 – houvera sido lançada primeiramente no ano de 1998, pelo grupo *Farofa do Brasil*, todavia, sem a repercussão que regravação de Elza Soares promoveu.

Building the way

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil_03/ atos2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/atos2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 20 de janeiro de 2022.

BRITO, D. *Lápis cor de pele*. Ilustrações de Polly Duarte. Goiânia: Cortez, 2017.

CÂMARA, A. Z. *O cabelo de Cora*. Ilustrações de Taline Schubach. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

CARONE, I. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. *In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 12-24.

CONCEIÇÃO, B. T. *Racismo e prática docente no contexto da educação infantil: uma revisão de literatura integrativa*. Faculdade Maria Milza Mangabeira – BA, 2020.

COSTA, E. V. *A abolição*. São Paulo: Unesp, 2010.

DANI DE BRIO. Site oficial. Disponível em: danidebrito.com.br/. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

FREIBERGER, R. d. C. C. *A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares*. Porto Alegre: UFRS – Faculdade de Educação (Polo de Gravataí), 2010.

GAROTA TEM tranças cortadas por colega de classe em Santa Catarina. *Uol*. 29 de novembro de 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/noticias/44487_garota-tem-as-trancas-cortadas-por-colega-de-classe-em-santa-catarina.html Acesso em: 22 de jan. de 2022.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In: Secad/MEC. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Building the way

LOPES, V. F. *Identidade, família e letramento: representações discursivas num contexto de pobreza*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

LUZ, M. B. P. D. C. *Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira*. São Paulo: Universidade Nove de Julho (UNINOVE), 2018.

MASSEY, L. *Curly Girl: The Handbook*. New York: Workman Publishing, 2001.

NASCIMENTO, S. *Tipos de cacho: você sabe identificar o seu?*. 14 de março de 2017. Disponível em <https://desventurasdeumacacheada.com.br/tipos-de-cachos/>. Consultado em: 22 de jan. de 2022.

O CABELO DE CORA. A obra O cabelo de Cora retrata o universo das aparências. *Revista Raça. Terra*. 22 de outubro de 2016. Disponível em: revistaraca.com.br/o-cabelo-de-cora/. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

PARRA, J. C. *A criança escrava no Brasil escravista (1500-1888)*. Diamante do Norte / Paraná: EFM – PDE, 2016.

PENELOPE MARTINS. E você, já encantou seu mundo hoje? *Toda hora tem história*. 2014. Disponível em: <https://todahoratemhistoria.wordpress.com/2014/11/18/e-voce-ja-encantou-seu-mundo-hoje/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.

POLLY DUARTE. Site oficial. Disponível em: pollyduarte.com.br/. Acesso em 21 de janeiro de 2022.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, K. L. dos. *Se a vida é poesia, se são brancos os versos livres, somos nós, pretos, os presos (?)*: Análise discursiva crítica de comentários racistas implicitamente manifestados no Facebook. Trabalho de conclusão de Curso inédito, 71 pp. Itapuranga: Universidade Estadual de Goiás, 2018.

SILVA, A. da C. e. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013a.

SILVA, M. B. do. *Cecília Meireles: literatura e educação*. Anais do CENA, Uberlândia: EDUFU, 2013b. Vol. 1, n. 1, 2013. p. 241-248.

SILVA, A. L. d. *Trajetória da literatura infantil da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade*. Marília/SP: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, v. 2, n. 2, julho/dezembro, 2009.

SILVA, E. B. de; SILVA, N. L. B. de; SILVA, P. de J. *Protagonistas negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneas*. Bahia: Revista Humanidades e Inovação v. 7, n. 22, 2020.

Building the way

SIQUEIRA, E. B. G. d. *Informação, imaginário e conhecimento na literatura infantil da educação moralizante à formação de consciência do mundo*. Aparecida de Goiânia: Caderno discente do Instituto de Educação – Ano 2, n. 2, 2008.

SOUSA, M. L. N. *O protagonismo de personagens negros em contos infantis: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de língua portuguesa em uma classe hospitalar*. Uberlândia: UFU, 2016.

SOUZA, R. J. de. *Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam*. Bauru: USC, 1992.

TALINE SCHUBACH. *Exposições 100 anos de Reinações de Narizinho*. Sailor Web Agência. 2020. Disponível em: exposicoesvirtuais.com.br/artists/taline-schubach/. Acesso em: 21 de janeiro de 2022.